

## ENSINO, EDUCAÇÃO E CULTURA MATERIAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

*Cátia Dagnoni\**

Monografia apresentada ao Curso de Museologia modalidade Mercado de Trabalho, Departamento de Ensino, Centro de Ciências da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Mestre Sueli M<sup>a</sup>  
Vanzueta Petry

Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Elizabeti Tamanini.

*“E como ficou chato ser moderno  
Agora quero ser eterno”.*  
(Carlos Drummond de Andrade)

*“Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido o português”.*  
(O. de Andrade)

---

\*Especialista e Museologia pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

## Apresentação

Na história desses 500 anos de Brasil, os povos indígenas perderam muito de suas terras tradicionais e, é a partir das que lhes restam, que estão reconstruindo sua história, onde no decorrer da mesma, sofreram e lutaram contra a exploração colonial.

*“E as pessoas jovens precisam entender que os povos indígenas fazem parte deste país e que este país faz parte dos povos indígenas, com a diversidade que temos de línguas, culturas e de pensamentos”.*

(MACHINERI, 2000)

Aumentando o interesse por uma atividade educativa, notamos que nos últimos anos, a questão indígena tem ocupado um espaço maior nos currículos escolares, sem contudo, apresentarem reflexões mais consistentes especialmente sobre esses discursos produzidos nos Museus. E o destaque indígena nos 500 anos de Brasil.

Artefatos e imagens que hoje ocupam espaço no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul, pertenceram aos Xokleng, grupo indígena que vivia nesta região do Vale do Itajaí, até mesmo quando começaram a chegar os primeiros colonizadores, e que viu suas terras serem gradativamente ocupadas pelos brancos. Viviam separados em grupos de caça, nos Vales e Serras, localizados entre o Litoral e o Planalto. A tecnologia usada pela tribo, para obter os recursos necessários à sua sobrevivência, era bastante rústica. O arco e flecha e a lança eram as principais armas dos integrantes do grupo.

O território que ocupavam não apresentava contornos bem definidos. Sabemos, pois através de fotografias e vestígios encontrados na nossa região, que a cidade de Rio do Sul, era uma antiga área de circulação dos nativos. As rotas de perambulação eram frequentes de acordo com os seu potencial em suprir, através da caça e da coleta, as necessidades alimentares do grupo.

Ao longo dos anos muito já foi coletado do grupo indígena Xokleng registrado através de fotografias, desde o contato com o branco até os dias

de hoje. Parte destes artefatos e imagens encontram-se no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul. Podemos assim destacar: pontas de flecha, lanças, outros materiais líticos e fotografias, retratando o modo de viver, a maneira de pensar, sentir e agir, suas crenças e costumes, salientando-se também, seu artesanato atual, como modo de sobrevivência do grupo e a própria história dos índios Xokleng da nossa região.

Estes objetos foram doados ao museu desde a data de sua criação em 1973, quando pertencia à Prefeitura Municipal. Anos mais tarde o acervo ficou aos cuidados da Fundação Cultural de Rio do Sul. Foi realizada uma campanha de doação, aumentando gradativamente o acervo dos nativos que viveram na região, hoje confinados na Reserva Indígena “Duque de Caxias” - José Boiteux.

Este projeto educativo, oportunizará ao aluno do Ensino Médio a ter uma consciência voltada para a preservação e melhor reflexão deste patrimônio.

### **Construção da Proposta Educativa**

Esta monografia objetiva uma reflexão da cultura indígena Xokleng, presente no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul - SC. Tal problemática será refletida junto aos alunos do Ensino Médio.

Dentro de uma política de socializar o museu, prestar serviços e o conhecimento do acervo museológico na comunidade rio-sulense e Alto Vale do Itajaí, a intenção, ao estabelecer o projeto educativo, é dar uma nova dinâmica ao sistema que até o momento vem se desenvolvendo no Museu Histórico Cultural, na área educacional desde 1993.

Muito se pode alcançar no sentido de desenvolver nos alunos, a capacidade de pensar com precisão e clareza e de fazer, permitindo aos alunos do Ensino Médio uma reflexão da experiência vivida por esses índios e tendo como principal referência os artefatos e imagens.

O aluno, a partir da cultura material, além de absorver as informações, aprende também como aplicá-las, desenvolve habilidades e cria atitudes definidas perante situações no decorrer de sua vida prática, o que constitui parcela essencial à formação dos jovens, dentro dos valores espirituais e

criação, cujas raízes remotam à própria origem da nossa nacionalidade. Este projeto, permitirá informar às novas gerações a história grupal, seus valores e costumes, destacando o grupo junto à sociedade regional.

Queremos atingir os alunos do Ensino Médio, para levá-los a refletir sobre as questões sociais que envolvem o patrimônio histórico cultural dos cidadãos.

Na região do Alto Vale do Itajaí, este trabalho de conscientização patrimonial tem por abrangência proporcionar ao público, condições de entender, e aos mesmo tempo possibilitar, através de uma mostra museológica educacional, os elementos que façam recriar e transformar, usando o patrimônio histórico em estudo, a cultura dos Xokleng.

Para atingir a proposta, temos as seguintes metas: proporcionar aos alunos do Ensino Médio, uma visão mais clara da cultura indígena Xokleng. Despertando o estímulo, a capacidade de iniciativa, em confronto com problemas, ser por eles equacionados, dando suas opiniões, despertando também perguntas e respostas.

Contribuir para que os alunos do Ensino Médio desenvolvam seu raciocínio histórico, junto às aulas, sendo capazes de vivenciarem suas realidades enquanto seres que indagam os significados, raciocinam sobre eles, tomam os problemas como desafios e não como fatalidades, e que possam nortear suas ações para direções cada vez mais coerentes com sua compreensão racional do mundo.

A idéia da realização deste projeto, para alunos do Ensino Médio, surgiu há alguns meses e amadureceu ao longo do curso de Museologia, na medida que nossos conhecimentos, conceitos, perguntas e dúvidas iam sendo esclarecidas.

A aplicação deste projeto no Museu Histórico Cultural, deve-se ao fato da presença dos índios estar intimamente ligada ao processo de ocupação na região. Muitos vestígios deixados por estes grupos fazem parte do acervo do museu, ou seja, a cultura material.

Pretendemos, acima de tudo, mostrar através de uma exposição, o processo vivido pelo grupo indígena que teve seu território ocupado. Ao revelar a presença destes nativos na região do Alto Vale do Itajaí, estaremos descortinado uma parcela da história para que não caia simplesmente no

esquecimento, despertando no aluno, o interesse pela sua história local, bem como sobre a problemática que está vivendo.

Ao concretizar este projeto educacional, estaremos também divulgando o acervo, tão pouco conhecido, uma realidade tão próxima de nós, dando, desta forma oportunidade de maior compreensão da cultura Xokleng e de conhecer pessoalmente os traços culturais indígenas que ainda existem na Reserva Indígena “Duque de Caxias”.

Apesar da preocupação em resgatar estilos de vida a um modo de produção pré-industrial, o interesse recaiu sobre a coleta de informações e dados da cultura material: “...encarada como salvaguarda de um patrimônio em vias de extinção, só possível de ser tratado através das estruturas de um museu”. (BRANCO, 1989)

Ao realizar este projeto, estamos cientes da proposta educacional de abrir caminhos para uma reflexão múltipla, independente, pelos professores e alunos do Ensino Médio, possibilitando o desenvolvimento para uma visão crítica dos materiais didáticos tradicionalmente disponíveis, que facilitem sua ação pedagógica em sala de aula e o prosseguimento de suas leituras e pesquisas sobre a questão indígena.

Podemos constatar de perto que Arqueologia, Museu e Preservação são temas absolutamente distantes do cotidiano escolar brasileiro. Todavia, tais questões deveriam compor o grande cenário curricular, pois historicamente estão intimamente relacionados ao processo de humanização. (TAMANINI, 1994)

*“Algumas vezes, os objetivos são a única fonte sobrevivente do significado. Dentro do objeto pode-se encontrar uma realidade mais fundamental, mais profunda. Esta realidade seria a lógica inconsciente da cultura e reside não só no objeto, mas também na mente de seu criador: É a asserção da vontade do homem sobre a substância da natureza que aflora da cultura material do artefato ou objeto”.*

(HORTA, 1983)

A relevância do estudo (artefatos) decorre do fato de que os objetos guardados nos museus torna-se dia-a-dia, a memória documental de sociedades que se extinguem e se descaracterizam a olhos vistos. Para elas próprias e para toda a humanidade é necessário resguardar esse patrimônio e definir linhas de pesquisa que o decifrem.

Um objeto tem em si não somente a presença da forma e dos materiais com que foi construído. Ele guarda através disso todas as relações de produção da sociedade que criou. Um jarro indígena fabricado e pintado à mão, nos remete às estruturas política, econômica, social e tecnológica do índio. Através do estudo do jarro e seu uso, passamos a ter conhecimento e melhor compreensão dessa sociedade indígena. É necessário estudar esses objetos para que se tornem vivos e cumpram a função de transmitir a memória de sua época. (FUNARI, 1994)

A reflexão sobre os povos indígenas e sobre as lições que sua história e suas concepções de mundo e de vida podem trazer, aliada ao exame do modo de relacionamento que a sociedade e o Estado oferecem aos povos indígenas, constituem um campo fértil para pensarmos o país e o futuro que queremos. Podemos assim, caracterizar o indígena com o objeto de uma política educacional que tem como princípio o respeito, a diversidade étnica cultural destes grupos e o reconhecimento de seus saberes tradicionais, transmitidos ao longo de muitas gerações.

Com a aplicação deste projeto no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul, estaremos dando aos professores e alunos do Ensino Médio, um novo conhecimento e reflexão da cultura indígena Xokleng e identificando, através dos documentos coletados, a vivência dos indígenas.

Que eles analisem a cultura indígena Xokleng através do conhecimento dos artefatos e imagens individualizados, comparando com uma realidade global, levando o aluno a repensar o lugar do índio na sociedade, a perceber a contemporaneidade, a diversidade da sociedade e a legitimidade de seus projetos futuros.

Nossa expectativa é que possa ser útil e estimulante, auxiliando os docentes e que propostas com este caráter sirvam de suporte pedagógico.

## Rio do Sul - História

O processo histórico da colonização e desenvolvimento de Rio do Sul é riquíssimo, apesar de pouco explorado. Há um manancial de fatos históricos que fazem parte do cotidiano deste povo à espera do trabalho profícuo do historiador.

Muito há para ser refletido sobre a vivência desta gente que se embrenhou na Mata Atlântica, venceu as dificuldades impostas pelo meio inóspito e conseguiu o aldeamento dos índios do grupo Xokleng, até então vistos como inimigos dos colonizadores.

Rio do Sul começa a surgir com a tentativa de integração das povoações esparças do litoral com os núcleos populacionais da região serrana. Toda a política migratória do Vale do Itajaí, foi realizada com esta finalidade. Blumenau cumpria seu papel, tornando-se importante centro nas áreas de colonização. Era preciso integrá-las com o Planalto.

Entre as duas áreas colonizadoras, os índios Xokleng matavam sua fome com recursos da natureza, no local onde se instalavam. Fortes e destemidos, defendiam-se com a produção de sua tecnologia especialmente arco e flecha, tentando impedir o avanço dos colonizadores sobre sua terra. Havia um conflito latente sempre que alguma frente pioneira procurava colonizar novas terras.

O Rio Itajaí-Açu desempenhou papel fundamental na fixação dos colonizadores na região do Alto Vale do Itajaí. O núcleo populacional que se formou nas margens do Rio Itajaí do Sul chamava-se "Suerdam" ou seja, Braço do Sul. Em 1912, passou a denominar-se Bella Aliança. E finalmente, passou a chamar-se Rio do Sul, por ocasião de sua emancipação política ocorrida em 1931.

Os tropeiros que aventuravam-se a transitar pelas picadas construídas em 1878 pelo Engenheiro Emíl Odebrecht, para ligar a Colônia Blumenau a Lages, precisavam esperar o período de estiagem para atravessar o Rio Itajaí do Sul. Para facilitar as comunicações, Dr. Blumenau mandou construir uma balsa, em 1890. segundo a tradição, o balseiro Basílio Corrêa de Negredo, enfrentou a hostilidade indígena e construiu sua choupana, a qual marcou o ponto de partida da formação do núcleo que, durante muito tempo,

permaneceu com características rurais, desenvolvendo uma agricultura de subsistência nos lotes dos colonos de origem alemã e italiana nas várzeas do Itajaí-Açu e seus afluentes. A história de um povo é construída com bases em fatos históricos. A descoberta de novas fontes poderá alterá-la e/ou enriquecê-la.

Foi o que aconteceu recentemente com a descoberta do documento mais antigo de Rio do Sul, o Diário de Francisco Frankenberger.<sup>1</sup> Estudos do documento culminaram com a determinação do dia da colonização, o qual narra como data de 07 de setembro de 1892 e seu pioneiro, Francisco Frankenberger.

Correntes de povoamento passaram a procurar o Alto Vale do Itajaí, formadas por descendentes da Colônia de Blumenau que encontravam dificuldades para manter-se próximo das terras dos seus pais, devido ao alto preço das mesmas.

Para Rio do Sul, vieram os colonos mais destemidos, dispostos a enfrentar todas as vicissitudes do meio ambiente, num isolamento quase total, devido às dificuldades de comunicação.

O movimento migratório para as terras do Alto Vale, intensificou-se a partir da segunda década do século XX, quando foram, em parte, solucionados os conflitos entre os brancos e os índios e conseqüentemente aldeados os últimos, numa área para eles reservada com 20.000 hectares, às margens do Rio Plate, no Atual município de José Boiteux.<sup>2</sup>

O processo de pacificação dos indígenas<sup>3</sup> da região, teve início no dia 22 de setembro de 1914, quando Eduardo Lima e Silva Hoerhann conseguiu fazer-se entender ao Xokleng, mostrando as suas intenções de amizade. Eduardo entrou na mata. Ao encontrar os índios desconfiados, tirou suas roupas e jogou sua arma. Passou então a viver com os índios, aprendendo sua língua e costumes. Aldeados, os índios tiveram oportunidade de

<sup>1</sup> Doado ao Arquivo Público Histórico de Rio do Sul pelo Sr. Victor Lucas. O diário permitiu que se conhecesse o dia em que este colono lavrou pela primeira vez a sua colônia, em Rio do Sul no ano de 1892.

<sup>2</sup> José Boiteux, pela Lei nº 1102 de 04 de Janeiro de 1988 foi desmembrado de Ibirama e, pela Lei nº 7580 de 26 de abril de 1989 foi criado o município, instalando-se no dia 01 de Janeiro de 1990.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que existem trabalhos destacando o processo de impacto produzido a partir deste momento na cultura Xokleng. Todavia não é nossa intenção aprofundar esta questão neste trabalho.

sobrevivência, reduzindo-se assim os constantes conflitos entre os colonizadores e “Bugres”.

Um dos fatos que colaborou para o aumento da população, foi a construção de estradas, contratadas pelo governo, cujo pagamento era realizado pela concessão de terras devolutas para serem colonizadas. Os concessionários passaram a percorrer todo o litoral fazendo propaganda das novas terras para a colonização, conseguindo expandir as correntes migratórias, que subiram o Alto Vale do Itajaí, que passou a crescer demograficamente e inúmeros núcleos germânicos e italianos foram surgindo.

Rio do Sul impôs-se aos demais núcleos do Alto Vale do Itajaí desde o início, graças à sua posição geográfica privilegiada. Estratégicamente localizada, no ponto de encontro das rodovias, começou logo a desenvolver um intenso comércio de produtos extraídos da área rural, enquanto a indústria surgia aos poucos. Outro fato para o crescimento, foi a construção da Estrada de Ferro (hoje extinta), permitindo a exploração de novas fontes de economia, como foi o caso da madeira.

Emancipado em 15 de abril de 1931, o município de Rio do Sul conta hoje com 51.650 (cinquenta e um mil seiscentos e cinquenta) habitantes.

### **O Aluno do Ensino Médio**

O Brasil é um país pluricultural ou seja, se caracteriza pela diversidade cultural de suas regiões. São essas particularidades culturais de cada região que enriquecem o desenvolvimento cultural do país. São essas características regionais que contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro na medida em que, incorporados ao processo de formação, permitem reconhecer seu passado, compreender o presente e poder modificá-lo.

Esta atividade será aplicada aos alunos do Ensino Médio, que se encontram em plena etapa formativa e que em seu processo de incorporação aos grupos sociais, necessitam aprender normas e regulamentos, maneira de ordenar, perceber e viver o mundo.

A intenção e objetivo da nossa proposta é a de proporcionar ao aluno, maior contato com a criação cultural que é um fazer contínuo da sociedade no qual o aluno tem espaço próprio, ao mesmo tempo que possibilita a

aquisição dos instrumentos para recriar; transformar, usar e desfrutar o patrimônio cultural da sua região, do seu país e do mundo inteiro, preservá-lo, enriquecê-lo e valorizá-lo para participar das mudanças da cultura de hoje e do amanhã.

Em muitos casos o passado tem como único testemunho ou fonte sobrevivente um objeto cultural ou seu registro. É nele, que encontramos a manifestação da cultura do povo que criou.

O aluno vai observar e comparar diferentes culturas, através do olhar, que possibilitará o enriquecimento e experiência do conhecimento do mundo material, auxiliando na compreensão do mundo e desenvolvendo a capacidade de percepção, passo essencial durante o aprendizado para o crescimento do processo de pensamento e maturação do aluno.

Levar os alunos a descobrir e relacionar, a observar cuidadosamente, a deduzir e comparar, a utilizar o raciocínio, a pensar e a interpretar a realidade a partir do seu próprio mundo: a família, a casa, a rua, a escola, o que possibilitará aos mesmos aprenderem sobre o passado, conhecê-lo e dar-lhe valor. Referenciá-lo com o presente, permitirá a comparação e o desenvolvimento de seu espírito crítico. É na comparação que desenvolvem sua opinião e seu senso crítico. Como são as coisas de hoje? Como eram antes? Devem mudar? Por que, como e para quê?

O espírito crítico, é o que garante a formação de um adulto consciente, participativo do seu momento histórico.

Chapman (1982), coloca que as escolas tem um mandato de ensinar a ler, mas não de educar a visão.

Os alunos não querem ser sobrecarregados de fatos, dados e informações. O aluno deve sair do museu, com a sensação de querer aprender mais e que deverá voltar novamente para descobrir novas coisas.

Escolhemos, assim podemos dizer, como interlocutores a escola, os alunos do Ensino Médio, os professores, porque a escola é exatamente, espaço de troca, diálogo, descobertas, convivência, possibilitando o aprendizado recíproco, proceder, como grupo, à construção...

Abre caminhos para uma reflexão múltipla, independente aos professores e alunos do Ensino Médio. Oportuniza também o acesso à informação sobre as sociedades e culturas indígenas no Brasil, oferecendo

conhecimento que possam contribuir para a superação da distância que tantas vezes e por tanto tempo se construiu entre estes setores da população brasileira: os índios, de um lado, a população escolar não índia e seus professores de outro (todos sabemos o quanto é difícil ser professor no Brasil).

Toda ação educativa do museu visa facilitar o estabelecimento de relações entre idéias dos visitantes e as mensagens propostas pela exposição. Vamos procurar estabelecer um processo educativo inserido no processo de comunicação museológica.

Recaindo assim, nosso interesse na realização de uma atividade educativa no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul, com alunos do Ensino Médio, onde os mesmos poderão refletir sobre a cultura indígena Xokleng. No espaço do museu pretende-se contar esta história, com as marcas, usos e costumes deste povo, fornecendo ao público, elementos para a compreensão do caminho percorrido por esta gente, bem como entender a maneira de pensar, viver e construir.

### **Os Índios Xokleng - História**

*Queremos viver*

*Tive terra*

*Não tenho*

*Tive Casa*

*Não tenho*

*Tive pátria*

*Venderam*

*Tive filhos*

*Estão mortos*

*ou dispersos*

*Tive caminhos*

*estão fechados*

*(Pedro Tierra)*

“O município de Rio do Sul está situado entre as duas serras principais do Estado: Geral e do Mar. Sua altitude varia de 400 a 600 nos Valles do Itajahy de Oeste, Itajahy do Sul e Tayo com Pombas e Trombudo, e de 600 mil metros na Serra do Mirado, Serra do Mar e Contrafortes da Geral”<sup>4</sup>

Queremos mostrar, o papel que o índio desempenhou - e desempenha - nesta mesma história, está longe de ser insignificante. Mostrar que eles não sofreram apáticos a espoliação de outras terras e a destruição de suas culturas, mas que assumiram o papel de agentes históricos, conscientes da espoliação a que estavam submetidos, reagindo a isso da maneira que podiam, dentro de uma conjuntura que justificava e empreendia o seu extermínio.

O que se pretende é levantar novos pontos de vistas sobre os indígenas.

Com a abertura de grandes porções de terra à exploração e colonização européia, a partir do século XVI, os europeus defrontaram-se com culturas completamente diferentes de tudo que conheciam até então. Este estranhamento vai resultar em tentativas de apreender o outro, de explicar ao desconhecido, de “domesticar” esta nova natureza e estes novos povos, buscando assim incluí-los nos projetos expansionistas.

Os Xokleng, (também conhecidos como “Bugres” ou Botocudos)<sup>5</sup> ocupavam a região da Mata Atlântica, entre o litoral e o planalto, desde o Norte do Rio Grande do Sul até o Sul do Paraná, ocupando ainda os pinheirais das bordas do Planalto Catarinense. Seu contato com a população nacional, baseando-se na documentação existente, ocorreu no final do século XVIII e intensifica-se na segunda metade do século XIX até início do século XX.

Os Xokleng são o grupo mais bem estudado pelos pesquisadores.

Existem pouquíssimas referências a este grupo em documentos anteriores aos século XIX. Isto pode ser explicado pelo fato de que seu território tradicional, a região da Mata Atlântica entre o litoral e o Planalto,

<sup>4</sup> ROSA, G.J. Vieira da. Os Municípios In: CARNEIRO, Carlos da Silveira. Enciclopédia de Santa Catarina. Vol. 33, p. 337.

<sup>5</sup> A população tribal que povoava o Alto Vale do Itajaí, os Xokleng. Segundo o antropólogo Silvio Coelho dos Santos (1973), “Os índios Xokleng são conhecidos também pela denominação Bugre, Botocudo, Aweukom, Xócren e Kaingang. O termo Bugre é usado no sul do Brasil para designar, indistintivamente, qualquer índio. (...) Xócren significa taipa de pedra, da mesma maneira que Xokleng(...)”.

tenha ficado à margem dos processos de ocupação colonial, até a metade do século XIX, quando contingentes de colonos europeus começaram a ser instalados ali por iniciativa governamental e particular.

É um grupo indígena de língua JÊ, aparentada com a língua Kaingang. Ao menos em tempos históricos, eram nômades que viviam da caça e da coleta de frutos, mel e pinhão. Este regime de subsistência os condicionava a um constante deslocamento entre áreas próximas ao litoral, no verão, e às bordas dos pinheirais do planalto, durante o outono. No verão, pequenos grupos sobreviviam da caça, da coleta de frutas silvestres e mel, o que os obrigava a um deslocamento constante. Era também nesta época que o grande grupo se reunia para a festa de perfuração dos lábios das crianças, sinal distintivo do grupo.

Ao chegar o outono, período de frutificação do pinheiro nas bordas do planalto, o grupo deslocava-se para esta área, onde formava acampamentos maiores e mais estáveis.

Por volta de 1880, os presidentes da província e as empresas ofereciam diversas soluções para o “problema” Xokleng: a catequese promovida por religiosos ou a sua simples eliminação. A contraposição à mão-de-obra europeia, branca, modernizante e trabalhadora, apresentava-se o “Bugre” selvagem, cruel, traiçoeiro.

Os ataques mútuos vão intensificar-se até o início do século XX quando então, estando os Xokleng com dificuldades para obter alimentos e provavelmente reduzidos em número, as notícias de ataques a colonos, começaram a transformar-se em relatos sobre massacres de grupos Xokleng em seus acampamentos. Firma-se, então, a figura do “Bugreiro”, caçador semi-profissional de índios, encarregado pelo governo ou por particulares, para eliminar os grupos que perambulavam pelas matas.

Apesar da epidemias que atacavam os Xokleng aldeados, reduzindo seu número em mais de dois terços, os Xokleng conseguiram não só sobreviver, como manter sua identidade étnica. Hoje em dia, sua luta é obter justa compensação pelas suas terras, na área indígena de Ibirama, alagadas pela barragem para a contenção de cheias.

Entre excursão de caça e coleta, a vida fluía. Os homens fabricavam arcos, flechas, lanças e diversos artefatos necessários ao cotidiano. As

mulheres teciam mantas com fibras de urtiga que serviam de agasalho nas noites de inverno. Cuidavam das crianças, faziam pequenas painéis de barro e cestos de taquara para a guarda de alimentos, limpavam animais e uvas, cuidavam do preparo da comida, colhiam; estocava e maceravam o pinhão e com ele faziam um tipo de farinha. Cozinham ou moqueavam peças de carnes dos animais e aves abatidos; preparavam bebidas fermentadas com mel e xaxim. Quando o grupo se deslocava, a mulher levava toda “tralha” doméstica.

As doenças eram raras. Os acampamentos eram simples paraventos, com ramos de árvores que eram arqueados e cobertos com folhas de palmeiras. Se o tempo era bom, dormiam ao relento. O fogo era aceso todas as noites.

Os Xokleng formavam um povo. Tinham língua, cultura e território. A família, sexo, o nascimento de crianças, a morte, a parceria nas atividades de caça e coleta, faziam parte do cotidiano.

O nome Xokleng é apenas uma palavra do seu vocabulário pela qual eles foram identificados na literatura antropológica. Regionalmente, continuam ser os BOTOCUDOS, em consequência do uso, pelos homens, de enfeite labial, denominado TEMBETÁ.

Com a chegada do europeu ao sul do Brasil, iniciou-se um processo de mudanças que até hoje não terminou. A presença de doenças, até então desconhecidas, como a gripe, a varíola, a pneumonia, o sarampo e a tuberculose, os deixaram impactados.

O Planalto e o Litoral foram conquistados. Tudo isto acentuou a disputa de território entre os grupos indígenas que escaparam, neste primeiro momento, da dominação exercida pelos europeus, ou, pelos paulistas e seus descendentes.

Os indígenas acabaram sendo expulsos das bordas do Planalto, nas quais tinham acesso fácil para os bosques de pinheiros.

O ferro foi um atrativo para os índios se aproximarem dos brancos. Observá-los à distância, objetivando o encontro de oportunidade para se apropriarem de suas ferramentas, passou a ser uma maneira dos silvícolas “pesquisarem” o cotidiano daqueles seres que para eles, continuaram sendo muito estranhos e, provavelmente, não humanos.

Os indígenas logo adaptaram os instrumentos de ferro dos brancos às suas armas tradicionais. As pontas de flecha feitas com madeira endurecida ao fogo, ou com lasca de pedra, foram em parte, substituídas por pontas de ferro. O resultado era compensador. O ferro deu aos Xokleng, muito antes da “pacificação”, uma nova atividade de caça.

Os governos provincial e monárquico estavam interessados na ocupação das terras, localizadas entre o litoral e planalto. Toda essa área era considerada como desabitada, embora há muito se soubesse da presença de indígenas ali. Esses índios foram envolvidos pelas frentes de colonização que se instalaram no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Suas condições de sobrevivência ficaram, assim, ameaçadas.

Cada dia, mais terras eram tomadas dos silvícolas. A floresta dava lugar às cidades, às estradas, a propriedades de colonos com suas roças. Os recursos alimentícios que a floresta proporcionava, foram logo disputados com os recém-chegados. A falta de como prover suas necessidades alimentares, obrigaram os indígenas a assaltarem as propriedades dos colonos, ou a atacá-los em seus locais de trabalho e os indígenas foram vítimas, porque os governos tinham seus interesses e as companhias colonizadoras também.

O território tradicional dos Xokleng foi, portanto, objeto de um plano de ocupação sistemática e irreversível. Os governos e as companhias de colonização estavam em acordo.

Na verdade, o território indígena estava sendo invadido e os índios reagiam à presença dos imigrantes.

À medida em que o número de colônias foi aumentando, a reação indígena vai sendo noticiada com maior intensidade. Alguns colonos foram atacados e uns poucos mortos. Em contrapartida, aumentava a violência contra índios.

As expedições de vingança ao interior do sertão, para revidar ataques cometidos pelos indígenas, eram conhecidas no Brasil desde os tempos coloniais. As colônias e o governo provincial logo começaram a organizar e remunerar grupos armados que adentravam na floresta, com o intuito de dizimar os índios em seus acampamentos. A justificativa oficial era afugentar os indígenas “para longe dos lugares habitados”. As palavras “Bugreiros”<sup>6</sup>,

“Caçadores de índios”, “Tropas” e “Montarias” logo começaram a aparecer nos documentos oficiais e no noticiário dos jornais.

O mais conhecido bugreiro em Santa Catarina foi Martinho Marcelino de Jesus, ou Martinho Bugreiro. Foi na condição de criador, isto é, pequeno fazendeiro, que começou a atender pedidos de particulares e do governo para “afugentar” os índios. Volta e meia estava em Florianópolis, prestando contas ao Governo.

A violência que acontecia no interior do sertão, repercutiu na imprensa, nas áreas urbanas e também no exterior. Um longo debate ocorreu. Muitos tinham a opinião de que os índios eram um obstáculo ao “progresso” do país e que deveriam ser, simplesmente, eliminados. Outros, defendiam o fim da violência.

Com a criação do Serviço de Proteção aos Índios em Santa Catarina (SPI), a idéia era estabelecer a paz no sertão, eliminando as ações violentas do bugreiros. Os índios prosseguiram em seus ataques à propriedades, em busca de alimentos e ferramentas.

No Alto Vale do Itajaí, em 1914, uma pequena equipe do SPI e Eduardo de Lima e Silva Hoerhann,<sup>7</sup> conseguiram estabelecer o contato com os Xokleng. A “pacificação” estava em marcha, na versão dos brancos. Para os Xokleng, eles é que estavam conseguindo “amansar”.

Em Ibirama, os Xokleng começaram a vivenciar a trágica experiência no convívio com os brancos.

De início, Hoerhann tentou atender os indígenas em suas necessidades. Paralelamente, a gripe, o sarampo, coqueluche, a pneumonia, as doenças venéreas etc., começaram a fazer suas vítimas entre os indígenas.

---

<sup>6</sup> As tropas de bugreiros compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria era aparentada entre si. Atuavam sobre o comando de um líder. Bugreiro, foi uma profissão criada e necessária ao capitalismo em expansão nesta parte da América.

<sup>7</sup> Silvio Coelho dos Santos descreve a personalidade de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann: “Era um jovem, com pouco mais de 20 anos. No Rio de Janeiro, sua cidade natal, frequentou o ginásio e se engajou no Serviço de Proteção ao Índio objetivando aventurar-se no sertão e defender o indígena. Havia se informado da situação do silvícola nas discussões que se travaram na imprensa antes da criação do SPI. A sua origem urbana e sua formação escolar logo lhe oportunizaram situações de liderança”. Santos, Silvio coelhos dos.

**Índios e Brancos no Sul do Brasil.** Florianópolis: Edeme, 1973, p.48.

Em pouco tempo, a maioria havia morrido. Hoerhann teria contado em 1914, com aproximadamente 400 índios. Em 1932, só havia 106.

Isso desesperou o pacificador que disse: “Se pudesse prever que iria vê-los morrer tão miseravelmente, te-los-ia deixado na mata, onde ao menos morriam mais felizes”.

Os Xokleng foram levados a passar de condição de caçadores e coletores nômades, para a situação de povo sedentário confinados numa reserva.

Em 1967, em substituição ao SPI, o governo criou a (FUNAI) Fundação Nacional do Índio. Assim, o Posto Indígena “Duque de Caxias” passou a chamar-se Posto Indígena Ibirama e mais tarde, Área Indígena Ibirama.

A exploração dos recursos florestais disponíveis na área indígena foi imediata. Primeiro, foram estimulados para comercializar o palmito, atendendo as ofertas das empresas dedicadas à fabricação de conservas. Depois, as madeiras começaram a ser negociadas.

Comenta um índio, que vive hoje na reserva indígena.

*“Hoje a gente vive aqui, planta um pouquinho para poder se manter. Aquele que pode vender, vende e aquele que quer guardar para o gasto dele durante o ano, guarda. Temos casas novas, devido a um projeto realizado em 1992, que o governo deu em troca para os índios, quando no ano de 1971, foi construída a Barragem. Eu trabalhei oito anos em cima disso. Começaram a construir no ano passado. No projeto são 188 casas, mas só estão prontas 132 casas. Aqui vivem 3.200 pessoas, não é só índio, é tudo mestiçado. Hoje em cada casa dessa vivem em torno de 18 pessoas, em casas de 9/7”.<sup>8</sup>*

\* Dilli, Willi. Entrevista concedida à Cátia Dagnoni. José Boiteux. 20.12.2000.

## Cultura Material

### Alimentação

A caça e coleta eram as suas principais atividades. E aproveitavam muito do que a natureza lhes oferecia: frutas, palmito, pinhão e mel.

A caça preferida dos Xokleng era a anta. Só comiam outra caça na falta desta. A carne de porco do mato, veado, macaco, tatu, também era apreciada.

As frutas eram consumidas cruas e, em abundância, amoras, jabuticabas, figo, goiaba. O mel não podia faltar.

O pinhão era considerado uma dádiva. Comiam cru, cozido, assado, em conserva. E dele também faziam farinha. Habitualmente usavam pinhão em conserva para fazer farinha.

Por ocasião de festas de “perfuração dos lábios dos meninos” e do “luto”, faziam uma bebida fermentada. Preparavam de quatro a cinco cochos de dois metros de comprimento. O tronco da árvore utilizada deveria ser grosso. Então saiam os homens à procura de xaxim e de mel. Precisava de grande quantidade de mel, em cada cocho colocavam de 4 a 5 balaios (40 cm de largura por 25,30 cm de diâmetro) de mel. O xaxim era socado no pilão. As mulheres enchiam os cochos de água. Colocavam o mel e o xaxim. Cobriam os cochos com folhas de Caeté e ramas (de qualquer arbusto). Deixavam assim alguns dias. Então esquentavam pedras e colocavam-nas em balaios, que eram jogados nos cochos. Repetiam este processo por muitas vezes. Até que a cor do líquido ficasse avermelhada. Ao retirarem os balaios, iam retirando a espuma que ficava por cima. Após um mês, mais ou menos, estava pronta a bebida. Alguns informantes disseram ser o gosto da “cerveja” parecido com o do vinho.

Em relação ao preparo dos alimentos, a tarefa era essencialmente feminina. O homem estava incumbido de caçar, coletar. Eventualmente a mulher poderia coletar, ajudar na caçada. O homem também poderia ajudar no preparo dos alimentos, quando necessário.

Após a pacificação, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), enviou alimentação, mas apenas por um curto espaço de tempo, “obrigando”

praticamente os índios a usar o peixe na alimentação.<sup>9</sup> Em tempos de calor a caça era farta, assavam a carne sobre a terra. Como ficava bem seca podiam guardá-la por cerca de duas semanas. O mel era conservado em balaios encerados ou potes de cerâmica e coberto com folha de caeté. A banha de porco do mato ou de anta, era armazenada em balaios encerados, ou até em potes de cerâmica. A farinha de pinhão era guardada enrolada em folhas de caeté.

### Sepultamento

*Neste campo da cultura Xokleng, podemos destacar as informações de Vaipon Câmrém, que relata o seguinte: “É... no tempo antigo, no dia em que morria algum, fazia a foguera com lenha boa. Então os parente ia e enrolava o corpo na manta. Junto ia as armas e as coisas que ele gosta. A gente põe o corpo em cima do fogo. Deixa queimá e canta. No outro dia vorta. Se precisa mais fogo a gente faiz. Depois de tudo queimado, botava as cinza numa cestinha forrada de caeté (folha). Amarra a cestinha com cipós e aí enterra. Se gostava muito da pessoa enterrava perto do acampamento. Se é mãe, algum carrega as cinza quando muda o acampamento... Agora, com criança pequena, tinha pena de queimá. Então enterrava. Só queima depois dos dez anos. Quando a mulhé morria não enterrava nada junto. Depois de tudo tinha a festa. Quando apareceu os portugueses as veis não dava pra queimá mais quando dava ia buscá o corpo. Depois chega seu Eduardo e proibe queimá. Daí enterra todo mundo.”<sup>10</sup>*

Hoje os corpos de índios falecidos são enterrados em cemitérios, após velório de um dia, como a cultura de seus vizinhos brancos.

### Habitação

A habitação Xokleng foi um dos aspectos da “cultura material” do grupo, bem documentado.

<sup>9</sup>HOERHANN, Eduardo. Depoimento. Ibirama, 17 fev. 1974

<sup>10</sup>CÂMÉRÉM, Vaipon (índio). Depoimento. Ibirama, 04 dez. 1973.

Normalmente, quem construía a habitação eram as mulheres; o homem só ajudava em caso de emergência (chuva repentina, por exemplo). Era construída quase sempre no mato, excepcionalmente nos descampados. E, dependendo do tempo da “parada” no local, havia preocupação em bem construir. Este bem construir consistia em dar melhor acabamento e/ou reforço à construção.

Os ranchos constituíam-se de meras árvores curvadas, com tramas de ramagens, ou de paraventos cuidadosamente construídos.

A matéria-prima utilizada era a disponível no local do acampamento. Para a armação, escolhiam duas árvores distantes uma da outra, o espaço que necessitariam. Amarravam um “barrote” de uma dessas árvores à outra. Então dobravam pequenas árvores sobre a viga (“barrote”) e amarravam as copas das árvores à referida viga. Outras vigas finas eram amarradas mais a baixo da primeira colocada. Para reforçar o teto-parede, colocavam folhas de palmeira caeté. Estas eram amarradas às vigas, com cipó-imbé e ou imbirá.

Em relação à forma, a habitação ficava arqueada. O tamanho variava, dependendo do número de pessoas a habitá-la. A altura normalmente não ultrapassava de um metro e oitenta centímetros. O teto-parede nunca ia até o chão, sempre ficava um vão de 40 a 60 cm.

Por ocasião das festas e do inverno, épocas em que ficavam mais tempo no acampamento, melhoravam as construções, dependendo das necessidades. O aumento poderia ser tanto na lateral como para frente. Neste caso, a habitação, tomava forma abobadada.

As mulheres cuidavam para que o interior e as redondezas estivessem sempre limpos. O interior era forrado com samambaias e cipó que usavam sobre a cabeça quando dormiam.

A utilização de uma habitação era comunal.<sup>11</sup> E o fogo, sempre aceso, ficava à frente da habitação, na parte central.

### **Vestuário e Adorno Pessoal**

Tradicionalmente, o homem Xokleng trazia abaixo da cintura um feixe de cordas de imbirá ou de urtiga como tanga. A mulher usava uma manta,

<sup>11</sup> Destina-se cada um destes ranchos para uma só família. (PAULA, 1992, p.121).

tecida com urtiga brava, enrolada da cintura para baixo. Além de vestuário, a manta servia como coberta para a família. A menina, entre os sete e oito anos recebia sua manta. E o menino, ao nascer, já passava a usar o seu feixe de corda.

A tanga masculina (“uazêzêuan”), era trabalhada pela mulher. Podia ou não apresentar enfeites de pena de tucano ou Suruquá. Nos lados, o feixe era preso com tiras de cipó-imbé. Com uma cordinha, era presa à tanga. Os homens também usavam uma pulseira de tornozelo, feita com corda de imbira, tucum ou urtiga brava. Nela prendiam um “chumaço” de penas coloridas, que ficava para o lado de fora da perna.

Quanto aos enfeites, as mulheres usavam colares. Estes eram feitos com contas-rosários, sementes de limoeiro do mato, dentes de animais e especialmente de macacos. Tudo era passado e/ou amarrado por fio de tucum. Após o contato com a civilização, passaram a pendurar em seus colares, fivelas, pregos, moedas. Hoje raramente usam enfeites. Nas festas faziam pinturas, iguais aos grupos Exogâmicos. Como tinta, usavam um preparo de seiva de figueira, de cipó-imbé, e/ou de baracatinga, misturada com carvão de grandióbua moído. Quem preparava era a mulher, que a guardava em vasilhas de barro ou cano de taquara. Durava de ano para outro. Para obter a coloração avermelhada, usavam em vez do carvão moído, uma semente triturada.

Após três anos, o menino passava a usar o “Tembetá”. Havia um cerimonial para a perfuração dos lábios.

### **Armas**

Uma das principais tarefas do dia-a-dia dos Xokleng era a caça. Além de utilizarem as armas para a caça, usavam-nas para ataque e defesa.

É característico do grupo o uso de grandes arcos e flechas. Confecção do arco: o preparo da madeira para o arco era feito pelo processo de lascamento, dando assim, a forma necessária. Após, coloca-se cera de abelha a um palmo e meio das extremidades. Leva-se ao fogo, dobra-se um pouco para arquear. Já fria, a madeira é encerada e passa-se a trabalhar as cascas de cipó-imbé e as talas de taquara.

Os canos das flechas são feitos de taquara ou de cotia. São um pouco mais curtos que o arco. Numa das extremidades, fica a ponta na outra, duas penas de jacu ou de gavião. Estas são presas com cera de abelha e amarradas com talas de cipó-imbé, ou com fios de tucum. Bem na extremidade, talas de casca de cipó-imbé são amarradas. Da metade do cano para a ponta da flecha, também se amarram talas de cascas de cipó-imbé, com pequenos intervalos. Estes, amarrados, são presos com cera de abelha.

No tempo antigo, usaram pontas de flechas de pedra. Depois passaram a usar pontas farpadas. As farpas ou dentes podiam ser de um lado da ponta da flecha ou dos dois lados. Outro tipo, era feito de osso, quase sempre de fêmur de macaco e, tinha forma triangular. Após o contato com o branco, faziam as pontas de ferro, latão ou zinco.

### Cestaria

Tecer os cestos tomava bastante tempo dos Xokleng, principalmente na época da maturação do pinhão. O homem é que se encarregava de todas as tarefas, desde a preparação da matéria-prima, até o acabamento final. Utilizavam a taquara lisa.

Faziam dois tipos de cestos. Um para carregamentos, quando de suas andanças, coleta de pinhão e para armazenamento deste. O outro, consistia em balaio do mesmo formato, só em tamanhos menores. Podiam ser forrados de cera de abelha ou não, dependendo de sua função. Os cestos encerados serviam para carregar água, guardar mel, banha, e quando pequenos, como canecos. Não eram encerados, serviam para guardar pequenos utensílios e frutas.

No cesto de carregar, amarravam uma tira de imbira, a qual prendiam à testa, para o transporte. O cesto ficava às costas. Este cesto é conhecido em língua Xokleng como “Canha”, que significava balaio com imbira. Os outros são conhecidos como “Canh-tumévan”, ou seja, balaio de guardar comida.

### Artefatos de Madeira, Osso e outros

Podemos assim destacar o Tembetá e o “Arranca Dentes”. Para confeccioná-los, a madeira deve ser bem verde, pois, facilita sua confecção. A técnica é simples, consistindo em corte da madeira no tamanho desejado e no talhe por lascamento. Para auxiliar na extração de dentes, ainda utilizavam o batedor, instrumento que servia para pressionar o extrator. Sua confecção também segue a mesma técnica da confecção do extrator e do bisturi: a do talhe por lascamento. Vanhecã nos relata como eram os dentes extraídos: “Sempre no grupo tinha uns prático. O doente deitava no chão, outro índio segurava bem a cabeça, o prático botava o arranca denti meio de lado no dente e, batia cum o batedô prá saltá. Era ligero mais duído.”<sup>12</sup>

Em Xokleng o extrator era conhecido como “ENDIJÁKUNIÓ” e o batedor como “ENDJÁ-KITAIÓ”.<sup>13</sup>

Quanto ao Tembetá, relata Vanhecã, poderia ser de pedra (“só no tempo, dus antigos”), osso ou de madeira. Desta última, a preferência recaía no nó de pinho. Para as crianças, quem escolhia o material era o pai. Conforme iam crescendo, tinham que aumentar o Tembetá. Em relação à forma, variava desde os retilíneos aos mais sofisticados normalmente cheios de curvas e pontas. Para confeccioná-los, utilizavam a técnica de lascamento e raspagem. Na parte superior há uma espécie de “cabeça” com a finalidade de calçar o Tembetá no orifício.

Em Xokleng eram utilizados dois termos para designar Tembetá: “KOEQUÊ ANGLOCO-SI-NAN” para o Tembetá de adulto; e, “NHERÊ ANGLOCO-SI-NHÃ” para o das crianças”.<sup>14</sup>

Faziam ainda pilões de madeira. A madeira tinha que ser “dura” e o tronco bem grosso. Para fazer a concavidade queimavam a madeira e retiravam os pedaços. Eram tomados os troncos na vertical. Para socar, usavam mão de pilão de pedra ou de madeira, aquela apenas em tempos imemoriais. Nestes pilões socavam pinhão para fazer a farinha, quebravam cocos, socavam carvão para fazer tintura ou colocar na massa para confecção de cerâmica.

<sup>12</sup> VANHECÃ (índio). Relato. Ibirama, 05 dez. 1973.

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Idem

Construíam os cochos de madeira, utilizando troncos na horizontal. Podemos também citar o “Pega-Brasa” (“Capau”), utilizado não só para pegar as brasas como também para pegar qualquer coisa quente. Por exemplo, retirar cerâmica do brasedo, retirar ossos das panelas. Era feito com uma lasca de cotia, ainda verde. Normalmente, entre 60 a 70 cm, de comprimento, 3 cm de largura e uns 6 mm de espessura.

Nos rituais festivos, os Xokleng obtinham som de dois tipos de instrumentos. Um, o chocalho (“SCHII”), que nos tempos antigos era feito de madeira. No seu interior colocavam pequenas pedras e/ou sementes. O cabo era feito de taquara e trabalhavam-no todo com tiras de casca de cipó-imbé. Também enfeitavam o chocalho com penas coloridas. Ainda o faziam com porongos (catutos).

Como instrumento musical, também havia o “TINDIGUI”, composto de dois bastonetes feitos com madeira de Ipê. Com o bater dos bastonetes, os índios obtinham som, portanto um em cada mão.

Tanto os chocalhos, como os bastonetes, eram confeccionados pelos homens.

Para obter fogo usavam o tradicional isqueiro indígena. Era composto de duas partes: uma, a base, feita de canela fogo, conhecida como “PENI-INHOEN” e a outra, uma vareta com ponta, o “TINÕEN-LHÓ”, também feita de canela-fogo. Para a confecção pegavam um pedaço de galho de canela-fogo e faziam uma concavidade, local onde seria friccionada a outra parte. Esta, feita com uma vara fina, tinha ponta afinada.

Como objetos cortantes usavam, no “tempo do mato”, facas e raspadores de lascas de pedra. Quando do contato, utilizavam lascas de Taquaruçú, usadas para cortar carne, cabelo, o cordão umbilical e ainda usados para a confecção de outros objetos: destalar taquara para preparo de fios de urtiga.

### **Artefatos e Imagens Encontrados na Região do Alto Vale do Itajaí**

Apesar da precariedade de dados, a riqueza de artefatos em pedra que afloravam na terra e que eram encontrados por colonos quando iam realizar suas roças, aparecendo vestígios de ocupação.

Foram achados testemunhos da presença humana nos vestígios da cultura material nessa região, indicando a presença humana em período bem anterior aos relatos que nos dão ciência dos contatos entre nativos e colonos.

Os artefatos descobertos na região do atual município de Rio do Sul, encontram-se no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul e com colecionadores particulares. É o caso do Senhor Victor Jensen, cirurgião dentista aposentado, que possui em sua residência um riquíssimo acervo de material lítico, constando de diversas pedras trabalhadas utilizadas como talhadores, soquetes, bolas de boleadeiras, somando-se, também mais de 5 mil pontas de flechas.

Em entrevista, Sr. Victor Jensen revela-nos as motivações que levaram a montar seu acervo<sup>15</sup> (...) Faz sessenta e poucos anos que comecei a colecionar, eu achei uma pedra na rua, estavam tirando areia do rio e botavam na beira da estrada. Eu passei e vi aquela pedra, juntei e disse, mas isso é pedra de índio, e ali comecei (...) Todo dia estou mexendo, é a minha vida<sup>15</sup>.

O material, nunca sofreu uma análise minuciosa por parte de arqueólogos, com dotações precisas e informações científicas sobre a forma de utilização pelas populações pré-históricas.

Estes objetos eram utilizados para a execução das atividades necessárias à sobrevivência, como a caça, a guerra e para confeccionar outros objetos como os raspadores e furadores.

Peças lascadas bifacialmente eram usadas para retalhar e cortar, assim como as lâminas do machado. As com lascamento unifacial, servia para raspar, principalmente a madeira, utilizada na confecção dos arcos e também raspar a carne do couro. As lascas desprendidas após lascamento, eram aproveitadas para cortar, raspar, perfurar ou fazer incisões. Eram utilizados batedores-trituradores, para fragmentar, triturar e moer os grãos.<sup>16</sup>

A terra indígena hoje, está cercada por cidades em amplo desenvolvimento econômico, onde os Xokleng são forçados a manter contato

<sup>15</sup> JENSEN, Victor. Entrevista concedida a Ana Lúcia Nötzoed e Edna Elza vicira. Rio do Sul, 24 mar. 2000.

<sup>16</sup> TENÓRIO, Maria Cristina (org). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UF RJ, 1999, p. 340

com os centros urbanos, seja para comercialização dos produtos agrícolas, ou para a venda de artesanatos que eles mesmos confeccionam, servindo-lhes como uma forma de renda.

O grupo Xokleng que atualmente reside na terra indígena de Ibirama<sup>17</sup> tem uma população que soma 1.009 indivíduos<sup>18</sup>, sendo que a área indígena tem 14.528 ha.<sup>19</sup>

Essa população está distribuída em cinco Aldeias denominadas Sede, Bugio, Figueira, Toldo e Palmeirina<sup>20</sup>, onde as condições de sobrevivência são bastante difíceis.

Um dos problemas enfrentados pelos indígenas foi a perda de parte das suas terras. Primeiramente pela ação dos posseiros, procurando evitar conflitos com os mesmos. Outro fator que gerou perdas foi a construção da Barragem Norte, fazendo com que a maioria das famílias ficassem sem local suficiente para plantar e assegurar-lhe o necessário à sobrevivência.

*A barragem trouxe inúmeras desgraças sobre nós. Perdemos a melhor parte de nossas terras. Com isso, veio a fome e as doenças. Perdemos a harmonia de nossas comunidades, pois a barragem dividiu nosso povo e fez desaparecer muita coisa de nossa cultura. Nossas comunidades vivem hoje empobrecidas e conseguem sobreviver com intensas dificuldades. Mas nós nunca desistiremos de lutar para que devolvam nossas terras e nos paguem por todos os prejuízos que nos causara.*<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Esta terra indígena está localizada nos municípios de Itaiópolis, Victor Meireles, Doutor Pedrinho e José Boiteux majoritariamente. WEBER, Cátia e HENRIQUES, Karyn Nancy R. Informe sobre os povos indígenas de Santa Catarina. Florianópolis: 1999, p.21.

<sup>18</sup> Segundo censo realizado pela FUNAI em 1997. Além dos Xokleng, existem famílias da etnia Kaingang e Guarani habitando a terra indígena, bem como algumas famílias de cauzos.

<sup>19</sup> SANTOS, Silvío Coelho dos. *Os Índios Xokleng: memória visual*, p. 117.

<sup>20</sup> WEBER, Cátia e HENRIQUES, Karyn Nancy R. Informe sobre os Povos indígenas de Santa Catarina, op.cit., p.22.

<sup>21</sup> Reivindicações apresentadas pelas lideranças indígenas no I Fórum de Debates das Questões Indígenas de Santa Catarina, nos dias 22 e 23 de abril de 1999.

Atualmente, a população indígena não tem recursos para garantir sua sobrevivência. Sem alternativas, um grande contingente abandona as aldeias em que vivem e vão buscar trabalho em outros locais. Existindo o preconceito e a dificuldade geral (região) com relação a emprego, desanimam, sem esperanças para o futuro.

### **Descrição dos Artefatos e Imagens presente no acervo do Museu Histórico Cultural de Rio do Sul**

#### **Material Lítico**

Possuímos mais de 200 artefatos em pedra, que foram encontrados no Alto Vale do Itajaí, como diversas pedras trabalhadas, utilizadas como talhadores, soquetes. O material nunca sofreu uma análise minuciosa, por parte de arqueólogos, sobre a forma de uso, sendo identificados no dia-a-dia, para realização de trabalhos relacionados à sobrevivência, cortar, retalhar, servir como machados, moer grãos.

As pontas de flechas eram feitas com sílex, quartzo, pedra ferro. Existiam variados tipos de pontas de flecha, e para confeccioná-las, cortavam aos poucos com outra pedra, até formar uma flecha e depois era dado o fio. Podemos também destacar as pedras que serviam como cortadores de cabelo (uma pedra achatada, sobre a qual colocava-se o cabelo, e outra bem afiada, normalmente lascada, com a qual iam “picando” o cabelo aos poucos).

A confecção do material lítico era tarefa masculina. Quando não estavam na caça, eles faziam flechas.

No passado, produziam artefatos com valor de uso; hoje fazem como mercadorias, logo com valor de troca. Assim conseguem suprir algumas de suas necessidades.

#### **Artefatos**

O Museu Histórico Cultural, possui alguns artefatos doados pelo Sr. Victor Lucas, que recebeu do Sr. Eduardo Lima e Silva Hoerhann, o pacificador.

## Artesanato

Encontra-se no Museu Histórico Cultural, um número significativo de artesanato confeccionado pelos índios da Reserva Indígena, os quais foram adquiridos dos próprios índios, ou em forma de doação ao Museu, através da comunidade regional. Este artesanato é realizado por eles, os quais vendem, para região ou turistas, como forma de sobrevivência. Principalmente o arco e a flecha. “Confeccionados com madeira-cotia, Imbé do mato e imbirá do mato, e com penas de gavião, galinhas e tucano”.<sup>22</sup>

## Imagens

*De fato, todos os que amam o belo e o compreendem; todos os que sentem a necessidade de fixar as formas plásticas de sua fantasia (...); Todos os que querem conservar visíveis até mesmo as suas saudades encontrarão na fotografia o verdadeiro auxílio do qual necessitam”.*

*(Revista Cosmos, 1904)*

Em torno de 100 fotografias, encontram-se acomodadas no acervo do Museu. Delas, parte foram recebidas em doação pelo Sr. Victor Lucas, que as recebeu de Eduardo Lima e Silva Hoerhann. Outras doadas pela própria comunidade. Estes, correspondem a um período de 1890 a 1970. Outras mais recentes, foram levantadas pelo próprio Museu Histórico Cultural.

---

<sup>22</sup> DILLI, Willi. Entrevista concedida a Cátia Dagnoni. José Boiteux, 20 dez. 2000.

## **Montagem do Projeto no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul**

### **Material de Suporte:**

- Maquetes
- Painéis
- Manequins
- Tela

### **Ambientação:**

#### **Sala Principal:**

- Quadro para reflexão
- Painéis fotográfico
- Maquetes: - caça e coleta de alimentos, ao lado, apoiado em suporte, pontas de flecha e lança - acervo do museu, e todo material lítico do museu histórico. - Crenças e costumes. - Arte indígena, ao lado em suportes - artesanato atual - acervo do museu. - Adorno Pessoal. - Como vivem hoje.
- Manequins: - Com arco e flecha. Ao lado em suportes, artefatos utilizados por eles no dia-a-dia, acervo do museu. - Vestuário de hoje

#### **Plataforma do prédio:**

- Tela fixada no telhado
- Réplica da habitação do índio
- Artesanato atual (chão)
- Índio ensina artesanato para os alunos

### **Conclusão da Visita**

Concluída a visita será entregue um livreto explicativo para os professores, com os pontos principais da exposição, com um exercício. Que será aplicado em sala de aula pelo professor.

A coordenação da escola posteriormente (10 a 15 dias) entregará e discutirá o resultado da atividade, com o monitor e educador do Museu, Dia e horário conforme cronograma adotado pelo museu.

### **Conclusão Geral**

Uma significativa contribuição histórica - cultural o índio deixou no Alto Vale do Itajaí.

Esperamos que esta atividade educativa, seja útil e agradável, podendo assim, refletir melhor o grupo indígena Xokleng, através do acervo presente no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul, bem como os artefatos e imagens. Podendo desta forma fazer um comparativo com os dias atuais. Deixando ao aluno do Ensino Médio uma nova reflexão, através desta atividade.

Podendo assim, destacar a preocupação com a floresta destruída, os traços culturais que estão se perdendo, como os rituais, artesanato e a própria língua. Bem como, o modo de viver, pensar e construir.

Desta forma, os educadores poderão refletir sobre a temática em sua relação no processo de ensino/aprendizagem, dando um novo olhar na questão do índio.

Esta será uma contribuição para ativação e maior conhecimento do museu, deixando aos alunos e professores uma visão mais clara da nossa sociedade, despertando estímulo, a capacidade de iniciativa em confronto com problemas, ser por eles equacionados, dando opiniões, despertando perguntas e respostas.

Ressaltamos que, ao tomar a iniciativa de realizar um projeto que nos remete uma série de pontos relativos a uma parcela da história regional, onde com este conhecimento o indivíduo fortalece a sua identidade.

Proporcionando ao público, condições de entender e ao mesmo tempo possibilitar através da mostra museológica educacional, os elementos que

façam recriar e transformar. Fazendo uso do patrimônio histórico que o cerca, no caso em estudo a cultura dos Xokleng.

Analisando a cultura indígena Xokleng, poderá fazer um comparativo com a realidade global, repensando o lugar do índio na sociedade.

A importância deste trabalho educativo, é que os artefatos e imagens acomodados no Museu Histórico Cultural de Rio do Sul, façam parte da memória documental da sociedade. Conhecendo melhor este patrimônio.

### Referências Bibliográficas

AMEIDA, Adriana Mortara. **Comunicação e educação: desafios da relação museu - escola.** ano III n.10. São Paulo: ed. Moderna/USP, 1997.

\_\_\_\_\_. Adriana Mortara, VASCONCELOS, Camilo de Mello. **Saber histórico em sala de aula: porque visitar museus.** In: BITTENCOURT, C. São Paulo: contexto, 1998

ALENCAR, Vera M. Abreu. **Museu - Educação: se faz caminhando ao andar.** Rio de Janeiro, 1997. 202 pg. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento. De Educação: Pontifícia Universidade Católica, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira, VASCONCELOS, Camilo e Mello. **Revista de pré-história: a proposta educativa do museu de pré-história Paulo Duarte.** São Paulo: Universidade, 1989.

CARDOSO, Alfredo Emanuel. **Compêndio Histórico e Geográfico de Rio do Sul.** 2ª edição, Rio do Sul: 1991

CASTRO, Ana Lúcia Cairines de. **O Museu: do Sagrado ao segredo.** Rio de Janeiro, 1995. dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

CAZELLI, Sibeles. **Alfabetização Científica e os museus interativos de ciência.** Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento. de Educação, Pontifícia Universidade Católica, 1992.

CHAGAS, Mário. **Meseália**: preservação do patrimônio cultural - educação e museus. Rio de Janeiro: JC editora, 1996.

ELAZARI, Judith Mader. **O museu e o seu potencial educativo**: preocupações com orientação para professores de 1º e 2º graus. Revista da Associação Nacional de Educação. V. 13, n. 21.1994.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Teoria arqueológica na América do Sul**. Primeira versão. IFCH/UNICAMPI, 1998.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GONÇALVEZ, Carlos Luiz. **Revendo o ensino de 2º grau**: propondo a formação de professores. São Paulo: Cortez, 1990.

GREENHILL, Eilean Hooper. **Educação em museus**: alguns pontos básicos. Fundação Nacional Pró Memória: Ministério da Cultura, 1983.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial**: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. São Miguel: Museu das Missões, 1995.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Vrieger, FRAGA, Nilson César. **Vale dos Índios**: vale dos imigrantes, Blumenau: Cultura em movimento, 2000.

HORTA, Maria de Louder Pereira. **Educação Patrimonial In**: comunicação Latino Americana sobre a Preservação do patrimônio Cultural, 1991 (Comunicação).

KLUG, João, DIRKSEN, Walberto (organizadores). **Rio do Sul**: uma história. Rio do Sul: Ed. da UFSC, 1999.

LIMA, Lauro de Oliveira. **A escola Secundária Moderna**: organização, métodos e processos 1º e 2º graus. 11ª. ed. Rio de Janeiro: forense - Universitária, 1976.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. 5ª. ed. São Paulo: Universidade de Brasília, 1986.

NAMEM, Alexandro Machado. **Botocudo**: uma história de contato. Florianópolis: ed. da UFSC, Blumenau, FURB, 1994.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina**: sua história. Florianópolis: ed. UFSC. Ed. LUNARTELLI, 1983.

RAMOS, Alicida Rita. **Sociedades indígenas**: série princípios. São Paulo: ática, 1986.

RIBEIRO, Berta A. **Cultura material**: objetos e símbolos. Ciência em museus. [Brasília]: CNPQ, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração da população indígena no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Representando a ação cultural e educativa dos museus**: a escola e o museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante. Salvador: UFBA, 1990.

\_\_\_\_\_, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos o sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

\_\_\_\_\_, Sílvio Coelho dos. **Os índios Xokleng**: memória visual. Florianópolis, UFSC, Itajaí UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_, Sílvio Coelho dos. **Sociedade Indígena e o Direito**: uma questão de direitos humanos. Florianópolis, UFSC, Brasília, CNPQ, 1985.

SILVA, Aracy Lopes. **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º a 2º graus. Brasília: MEC/MAPI/UNESCO, 1995.

SIMON, Camilo. **Antes de 1500. Mundo jovem**, Porto Alegre, n. 355, p. 12-13, abril, 2000.

SIMONION, Ligia Terezinha Lopes. **Cultura material Xokleng: um levantamento etnográfico**. Museu Antropológico diretor Pestani. Ijuí: FIDENE, 1975.

TAMANINI, Elizabete. **Descobrir, coletar, preservar: aspectos da história dos museus**. Joinville: 1994. Dissertação de Mestrado. Joinville, 2000.

\_\_\_\_\_, Elizabete. **Museu, educação e arqueologia: prospecções entre teoria e prática**. Joinville, 1998. Pesquisa de Doutorado em andamento, Universidade Estadual Campins. UNICAMP, 1998.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Educação em museus: o público de hoje no museu de ontem**. Rio de Janeiro, 1995. 208 pg. Dissertação. (Mestrado em Educação) Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, 1999.